Bibliotecas Públicas de Lisboa

Série III — Ano 6.º | Porto, 14 de Novembro de 1915 | Número 6

A AURORA

Redacção e administração
Rua do Sol, 131 — PORTO
Composição: Rua do Sol, 131
Impressão: Tip. Viuva Batalha

REDACTOR PRINCIPAL
ANTÓNIO ALVES PEREIRA
Editor — Maciel Barbosa
Propriedade do GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA

Condições d'assinatura (Pagam adiant.)
Um mês . . . . . $05 (50 reis)
Semestre . . . . . $30 (300 reis)
Um ano . . . . . $60 (600 reis)
Para fóra do país acresce o importe do sêlo
Número avulso, $01 (10 reis)

NA FRENTE DA BATALHA

A época que actualmente atravessamos no nosso torrãozinho lusitano, sob os auspícios de uma república duas vezes ratada, é a das mais fulgurantes, mais desafogadas, mais liberalescas. Como no fatídico reinado de Luiz XI e quejandos nós possuimos tôdas as liberdades possíveis e imaginárias: temos os Chatelets, as Bastilhas em miniatura, a mordaça, as perseguições desenfreadas e injustificáveis, a calúnia, a intolerância, a pistola. Faltâ-nos para complemento, para brinde às nossas aspirações, como satisfação à nossa justiça, como prémio amargo aos nossos sofrimentos e à nossa miséria, as rapariguinhas del-rei, *essas diabólicas algemas rematadas com pesadas bolas de ferro, construidas por serralheiros alemães e arrastadas dolorosamente pelas vítimas do rei francês; falta-nos apenas para complemento das nossas regalias as gaiolas de madeira, com fortes varões de ferro, onde eram metidos os presos, onde comiam, sujavam e eram torturados.*

E' o que nos falta e é o que eu lembro às autoridades.

Mas, pregunta agora o leitor um pouco espicaçado pela curiosidade, a que propósito vem todo êsse arrazoado histórico, medievo? E' que eu, um dia desta semana, vi-me transportado a um dos países atrazados, à Rússia talvez, a essa Rússia que hoje defende a Liberdade dos povos. Julguei ver na minha frente, à luz embaciada dos meus olhos, a cadeia viva *em pequena escala, a atravessar, lúgubre e pesadamente, as ruas de Petrógrado ou de Moscou, de Odessa ou Varsóvia, a caminho das frias estepes da Sibéria. Afinal de contas não era nada disso. O que eu vi, indignado, como indignada estava a multidão que assistiu a tão revoltante espéctaculo, foram* oito presos *vindos de S. Pedro da Cova, escoltados por uma força de 30 praças da guarda republicana, de baioneta calada e ladeada por cavalaria da mesma guarda, como se as vítimas da arbitrariedade de um administrador fossem alguns bandidos da Calábria, algumas féras capazes de devorarem o mundo!*

Este cortejo em marcha pela segunda capital do império, perdão! da república portuguesa é uma prova eloqüente de que vivemos numa nação civilizada, onde a Liberdade anda por aí aos pontapés de tôda a gente. Esta scêna exposta, por si só, concede-nos tôda a autoridade moral para que possamos intervir no actual conflito europeu em auxílio das Liberdades, dos Progressos, das Civilizações francesa, inglesa e russa, das quais Portugal é um excelente discípulo.

Ah, senhores, se nós estivessemos ainda na oposição republicana, se ainda vivessemos na época agitada da propaganda, da ânsia dos caudilhos da república em quererem derrubar a rialeza è apoderarem-se da engrenagem governativa, do leme da nau escalavrada do Estado, certamente a imprensa robesperriana ou maratista escreveria, em grandes en têtes, em grossos caracteres, como na greve dos tecelões em 1903: «O que se acaba de prepretar é uma infâmia! Os mineiros, no seu legítimo direito de defesa, teem o dever de se não deixarem morrer de fome, de se não deixarem esmagar nos seus interesses. Todo o trabalhador deve repelir, por uma acção enérgica, as explorações descaradaveis dos industriais e das emprezas. O administrador, cometendo todo o género de violências, invadindo a localidade de fôrças da guarda municipal armada até aos doentes, esfrangalhou a Constituição. O administrador, depois de ter dado consentimento para os grevistas se reunirem na sede da sua associação, assaltou o edifício, prendendo parte da mêsa da reunião e três operários do Porto, por o único, o grandioso, o terribilíssimo crime de se encontrarem, a um domingo, entre os seus camaradas em luta, por pensarem que na imensa família produtora não há extranhos, havendo apenas, nestas ocasiões, duas classes — a classe dos exploradores e a classe dos oprimidos. Portanto, o administrador de Gondomar, colocando-se descaradamente ao lado da empreza das minas de S. Pedro da Cova, abusando da sua autoridade, atropelando os direitos de reunião e de reclamação, prendendo e acutilando, está fora da ordem, está fora da lei, porquanto os mineiros pedem, com tôda a justiça, com tôda a autoridade moral que lhes assiste, mais um pouco de pão, um pouco de humanidade, o cumprimento do compromisso tomado pela empreza, da sua palavra de honra!»

E a mesma imprensa pediria a imediata demissão e prisão do administrador, como o chefe do partido democrático, em tempos, pediu ao ditador Franco, em pleno parlamento, a prisão e até a cabeça de Carlos I.

Mas então era necessária a popularidade, a simpatia das classes trabalhadoras, o engrossamento do partido para o conseguimento rápido dos almejados fins.

Mas agora que se mudou a face da política, que caiu a realeza, a coisa é outra: já se respira fumo, já se come chumbo e já passeia pelas ruas da cidade, aos raios rutilantes do sol e à contemplação das multidões, entre fôrças de baioneta calada, prontas a espicaçar, como a bifes de tostão, os presos por tamanhos crimes.

Faltava o knout, à moda da Rússia!

— E viva a guerra de libertação!

CLEMENTE VIEIRA DOS SANTOS.

Aos camaradas

Continuamos a chamar a atenção dos camaradas para a subscrição que iniciamos, com o fim de cobrir o deficit de A AURORA.

Transporte . . .	29$93
Manoel Neves Alcaria, de Loulé	$30
José da Silva Oliveira, de Madrid	$10
Magalhães Júnior, do Porto	$20
António Alves Silva . . .	$20
Soma	29$73

A ferro e fogo

A um patriota

Quase que não vale a pena martelar.

Contudo, atentando naquele velho anexim que diz: — *Agua mole em pedra dura, tanto bate até que fura,* — façâmos mais êste esfôrço e discutâmos o assunto magno, causa do nosso dissídio: A conflagração.

O argumento principal que vossê emprega para justificar as boas intenções dos aliados, quanto à manutenção da paz, consiste na afirmativa de que êles — aliados — foram compelidos à guerra pela ameaça armada dos alemães. E logo, como a valorizar estas palavras, cita a atitude assumida por Krapótkine, que no começo das hostilidades epistolou em defesa dos mesmos aliados. A sua afirmação, feita com enfase, revela, a par dum profundo desconhecimento da engrenagem social das diferentes nações em luta, uma ignorância flagrante e lamentável das obras de grande escritor russo Pedro Krapótkine. Se vossê se desse à pachorra de compulsar os livros que êste sociólogo tem escrito, havia de verificar que a luta colossal que presentemente se fere, foi, por mais duma vez, prevista por êsse grande espírito.

E, quanto a que os aliados foram compelidos à guerra pela ameaça *kaiseriana*, é certo que se olharmos os factos superficialmente, é precisamente isso que ressalta à nossa vista. Porêm, como não somos dos que se deixam comer pelas aparências, e também porque temos o defeito, a que alguem chama virtude, de procurarmos esclarecer o espírito na leitura amêna e persistente dos bons livros, somos obrigados, apoiados em incontestáveis factos, a acreditar que a guerra foi preparada não sómente pela Alemanha imperial e militarista, como também pelas demais nações que, como a Alemanha, aspiravam ao domínio comercial e ao alargamento territorial, elementos indispensáveis ao desenvolvimento industrial, ou seja à sofregnidão desmedida das riquezas, que tôdas, simultâneamente representadas pelos

seus agentes principais — financeiros, capitalistas, proprietários, industriais e comerciantes — reivindicavam para si. Esta é que é a verdade — nua, crua e deslavada.

Isto mesmo, que nós consideramos o factor principal, senão o único que determinou a guerra, está magnificamente desenvolvido num opúsculo de Krapótkine intitulado — *Os bastidores das guerras*. Nêsse opúsculo, o autor, depois de fazer uma resenha da situação internacional, no intuito, aliás realisável, de nos demonstrar que as nações caminham a largos passos para a conflagração, remata o período com as seguintes palavras:

"E daí o vivermos álerta de há dois anos para cá, na previsão duma colossal guerra europeia que pode estalar de um dia para o outro."

Por aqui já vossê vê, se tiver olhos de vêr que não fomos nós, que não somos nós que estamos em campo falso afirmando que a guerra não é de *Liberdade e de Progresso*, como pretendem fazer-nos acreditar, mas tam somente a seqüência lógica da presente organização societária com tôdas as suas traficâncias, roubalheiras e comedorias. Krapótkine, a quem nós prestamos a justiça da nossa consideração e do nosso respeito, entendeu que, em presença desta guerra, que êle previu, mostrando bem compreensivelmente as causas que actuaram no seu desenlace, devia modificar a sua opinião; e muito simplesmente, muito naturalmente, usando do seu direito de opinião, contrariou tôdas as suas anteriores afirmações. Nós, que não podemos estar, nesta questão, com Krapótkine, continuamos em tudo o mais a ser seu camarada de ideas e seu discípulo muito obscuro. Nada mais. A isto chamamos nós critério anarquista.

Vossê, porêm, não entende assim. Supõe que por Krapótkine se ter manifestado em prol dos aliados, nós, ou por outra, os anarquistas, deviam seguir à *priori* aquela opinião.

Eu não extranho que vossê assim raciocine, porquanto, afeito como está à disciplina partidária, que póde comparar-se, pelo caracter tutelar e quase humilhante que reveste, à disciplina severa dos *alimões* que vossê, como inimigo da opressão deseja vêr aniquilada, — não olhe simpaticamente o gesto dos anarquistas que, por sua vez, exercendo um direito a que a sua qualidade de anarquistas lhes conferia, discordaram de Krapótkine.

Não estranhe, meu amigo, nem se amofine contra nós outros por não termos seguido a opinião daquele que vossê, agora e só agora, tanto enaltece. Krapótkine sabe que a maioria dos anarquistas não perfilha a sua opinião; mas como Krapótkine é anarquista, não se surpreende que isso aconteça. Ah! mas agora me lembro, vossê julgava, e creio que ainda julga, que Krapótkine era o chefe dos anarquistas. Convença-se agora de que assim não é. O hómem que sofreu tôda a espécie de tiranias do govêrno autócrata que é o russo impôs-se à consideração dos anarquistas e do público pelos seus sacrifícios, e sobretudo pela sua qualidade de pensador e filósofo. Estes requesitos, porêm, não lhe conferiram o título de «chefe» dos anarquistas, como vulgarmente se cuida; êle próprio se soubesse que lhe inculcavam êsse título, seria o primeiro a lastimar a ignorância dos que tam parvamente assim o designassem.

Fique na sua; mas convença-se destas verdades, para não tornar a fazer *cavalo de batalha* da opinião de Krapótkine.

E como esta já vai longa, prosseguiremos ainda nas nossas considerações a propósito da guerra de *Libertação*, de *Civilização* e de *Progresso*, como vossê lhe chama.

J. SALGADO.

Cartas subversivas

A um provinciano

Meu caro amigo: Já regressei à cidade onde tudo *é sombra* em contraposição com o campo, onde *tudo é luz, tudo é sol;* mas tinha que ser desde que atingi o objectivo que aí me levou: restaurar as minhas fôrças físicas, dispendidas nas lides dêste ambiente citadino.

Naturalmente chamarás a isto egoísmo da minha parte; retirar-me apenas não precisei da acção benéfica, tonificante e salutar dos ares da tua terra. Pois não foi nada disso, meu caro, mas sim outros motivos que me levaram a abalar até esta cidade, entre os quais sobrelevam-se o regresso às minhas ocupações profissionais e ao convívio belo e fraternal dos amigos e camaradas de ideas e lutas a favor daqueles que tudo produzem e nada teem! Daquelas lutas que tantas vezes te falei, conversando através dos campos ou trepando aos montes, que nós, aqui na cidade, ousamos empreender contra a tirania, a miséria e a exploração que avassalam a humanidade e que tu, meu amigo, não compreendias, porque tens o cérebro anuviado pela educação atávica — religiosa e patriótica — que recebeste durante a tua infância e mocidade, e que, portanto, não te deixa ver a luz clara da razão e nem compreender a verdade redentora, que os anarquistas veem espalhando por entre os povos, sedentos de educação e famintos de pão.

Para ti, falar-te da comunidade da propriedade, da liberdade integral do indivíduo, do livre acôrdo, e por conseqüência da iniquidade em que assenta a organização social actual, que tanto defendes e julgas natural, para existência da *ordem* (?) na sociedade . . . são utopias, que se desfazem ao sopro da realidade da vida e ao contacto das coisas práticas do mundo . . . Mas quem te ensinou isso, foram aqueles que teem necessidade do *existente*, e, portanto, não te poderiam dizer aquilo que eu te disse: — «A propriedade privada é um roubo, porque foi edificada sob a astúcia e a fôrça de *um* contra a fraqueza de *alguns*. O Estado é a encarnação da tirania e do conservantismo, o sustentáculo do privilégio e da exploração da minoria parasitária contra a maioria produtora, trabalhadora».

Sim, porque estas verdades, produto da análise, do estudo e da reflexão de grandes sociólogos, só podem sair da boca daqueles que sofrem e sentem as agruras de uma organização social antinatural e antihumana, como é esta em que vivemos, e não da boca dos padres, das autoridades e dos políticos com quem tens convivido e continuas convivendo.

Não, nem jamais sairão; portanto, reflecte no que é a sociedade de hoje, cheia de misérias, vícios e crimes, para fausto dos senhores do Estado, da Propriedade e do Capitalismo, e dir-me-ás se não tenho razão nas minhas revoltas contra ela. Arranca, pois, essa venda que te encobre os novos horizontes de amanhã; quebra essas cadeias que te manietam os esforços em prol da humanidade sofredora, — então serás um espírito emancipado de preconceitos, dogmas e convencionalismos que pesam sôbre ti, separando-te das ideas modernas. Se estás resolvido a isto, lança-te na leitura das obras sociológicas e revolucionárias, tendentes à emancipação humana, porque assim, estudando, libertarás o teu espírito das trevas em que vives. E depois, se quizeres completar êsse estudo, observando de *visu* o que é a nossa sociedade, vem até à cidade, — *a mansão do embuste, da solércia*, da perfídia, como diz o scéptico e descrente Forjaz de Sampaio. E ficarás identificado cerca da sociedade burguesa. Experimenta.

Teu,

MAGALHÃES JÚNIOR.

No partido socialista francês

O que diz um correspondente

Ainda não é tarde para resumir uma interessante correspondência enviada de Paris ao *Labour Leader*, em 18 de Setembro, por um velho socialista francês.

Contra a política adoptada pelo partido na questão da guerra, há dentro dele uma forte oposição, que se manifestou vigorosamente no Congresso de 14 e 15 de Julho, transigindo apenas na moção final para «salvar as aparências» (!), a instâncias da maioria. Essa oposição é ainda mais forte na massa do partido e *muito principalmente nos socialistas que estão nas trincheiras*. Como o já o fizera Leda Rafanelli na Itália, o correspondente observou que os mais belicosos estão atrás, a perorar e a escrever, e são sobretudo os velhos fora da idade militar.

Enquanto durar a guerra, não se poderá saber o pensamento verdadeiro dos socialistas franceses. A fina flor do partido está nas trincheiras ou amordaçada pela censura. Os socialistas que não se tornaram patriotas, que se manteem internacionalistas, não teem jornal e a Censura não permitiria cá fora a reprodução do que foi dito no Congresso em sessões estrictamente privadas.

As próprias conversações particulares estão sujeitas aos tribunais marciais. Assim, uma sexagenária, mãe dum médico militar, tendo dito a um amigo, no jardim do Luxemburgo, que iriam faltar o carvão e o açúcar, os quais não faltariam na Alemanha, e que a vitória do Marne não era tamanha como se dizia, foi denunciada por um transeúnte e condenada a 20 dias de cadeia. Por dizer num tranvia que o tal «cilindro russo a vapor» andava para trás, foi um homem multado em cem francos, com suspensão da pena até novo delito. Por dizer que faziam bem os que, podendo, se eximiam ao serviço militar, apanhou um criado três meses de prisão. Um ano, gramou-o um carpinteiro, por afirmar que, no passado e nas colónias, tinha o exército francês feito o mesmo que o alemão. Foi multado um indivíduo que disse qualquer insignificância a um interlocutor único numa sala de hospedaria. Etc., etc.

Da nossa parte, podemos referir o que nos escreve uma camarada: «Por uma altercação no tranvia, fôra meu marido preso em fins de junho; mas como nos fizeram busca em casa sem nada encontrar extraordináriamente subversivo, soltaram-no, embora mantendo